

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

MARIA CECILIA BILHA MARCONI

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO AFETIVO-  
SOCIAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

MARINGÁ

2013

MARIA CECILIA BILHA MARCONI

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO AFETIVO-  
SOCIAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual de Maringá, como  
requisito parcial obtenção do grau de  
licenciado em pedagogia.

Orientação: Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Solange Franci Raimundo  
Yaegashi

MARINGÁ

2013

**MARIA CECILIA BILHA MARCONI**

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO AFETIVO-SOCIAL  
DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do Título de Pedagoga, sob a orientação da Professora Doutora Solange Franci Raimundo Yaegashi.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Solange Franci Raimundo Yaegashi**

(Universidade Estadual de Maringá)

---

**Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Teresa Kazuko Teruya**

(Universidade Estadual de Maringá)

---

**Prof<sup>a</sup>Ms. Luciana Grandini Cabreira**

(Universidade Estadual de Maringá)

Dedico este artigo primeiramente a Deus, que esteve sempre me dando discernimento e paz perante minhas realizações, à “Dona Leda” que não se encontra mais entre nós, mas sei que de onde ela está me mandou muita serenidade, e à minha família, por me apoiar sempre.

## AGRADECIMENTOS

Poucos estiveram ao meu lado durante a escolha e realização do curso, mas foram de fundamental importância para que eu prosseguisse de cabeça erguida e com força de vontade tanto de modo direto como indiretamente. Para que a conclusão do curso fosse possível, o suporte emocional, o apoio e a compreensão dos que me amam foram fundamentais para tal e de certa forma devo meu agradecimento a eles:

A Deus, que é minha fortaleza;

Minha família, em especial minha mãe, Maria Eloá, que desde a escolha pelo curso esteve sempre ao meu lado e me ajudou com muita paciência quando mais precisei, principalmente nos momentos que pensei em desistir;

À professora orientadora Solange, que me acompanhou na produção deste artigo;

Aos amigos e amigas que estão ao meu lado desde muitos anos e que não me deixaram de lado mesmo nos momentos em que eu os deixava para dar conta do proposto na universidade, me dando forças mesmo que indiretamente para seguir no que sempre quis;

Aos professores que tive no meu período acadêmico, que me mostraram o quão dura e gratificante é a profissão do pedagogo, independente de sua área de atuação.

A você que lê este artigo.

# A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO AFETIVO-SOCIAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Maria Cecilia Bilha Marconi<sup>1</sup>  
Solange Franci Raimundo Yaegashi<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo teve como objetivo investigar o papel da família e sua influência no desenvolvimento afetivo-social de crianças e adolescentes. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, tendo como referencial teórico as teorias de Henri Wallon, Raquel Soifer, Luiz Carlos Osorio, Maria Aparecida Barbosa Marques e outros autores que buscam analisar como é construída historicamente a relação afetiva entre a criança e seu meio social. Verificou-se que crianças e adolescentes passam por dificuldades em seu desenvolvimento perante as situações de conflitos existentes nas dinâmicas familiares, as quais necessitam, muitas vezes, de terapias individuais e/ou familiares, de modo que se amenize o surgimento de problemas psicológicos nas crianças e adolescentes. Chegou-se à conclusão que é de suma importância que tanto os pais quanto os educadores compreendam melhor o desenvolvimento infanto-juvenil, a fim de proporcionarem um ambiente adequado para que o processo de desenvolvimento e aprendizagem ocorra de forma satisfatória.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento. Aprendizagem. Afetividade. Família. Escola.

**Abstract:** This article aims to investigate the role of the family and its influence on the social and affective development of children and teenagers. The article has a bibliographic research with references to the theories of Henri Wallon, Raquel Soifer, Luiz Carlos Osorio, Maria Aparecida Barbosa Marques and others, who aim to analyze the historical development of the affective relationship between the child and its milieu. The research verified that children and teenagers go through hardships on their development when under family conflicts which require, most of the time, individual or family therapies in order to diminish the rise of psychological problems in children and teenagers. The article concludes that it is extremely important that both parents and teachers should understand the children and youth development, so that they can provide an adequate environment for the development process to occur in a satisfactory way.

**Key words:** Development. Affectivity. Learning. Family. School.

## Introdução

Durante a infância, algumas crianças vivenciam inúmeros conflitos no meio em que vivem, os quais podem interferir em seu processo de adaptação social e escolar. A necessidade de compreender as variáveis que interferem no desenvolvimento afetivo levou-nos ao desejo de conhecer cada etapa da infância, a fim de investigar o papel da família e sua influência no desenvolvimento afetivo-social de crianças e adolescentes.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Psicóloga e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> do Departamento de Teoria e Prática da UEM, Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

As relações que as movem diariamente dentro da família levam-nas a agir da mesma maneira na escola. Para entender as ações vindas da criança, nos aprofundaremos na teoria de Henri Wallon, que nos apresenta como ocorre o desenvolvimento da mesma. Com isso, analisamos como é construída historicamente a relação afetiva da criança e seu meio social, de modo que se entenda porque crianças passam por dificuldades no vínculo afetivo no âmbito familiar, como a afetividade é manifestada no desenvolvimento infantil diante das dinâmicas familiares e como ocorre o abuso psicológico infantil.

O aprofundamento no tema do desenvolvimento afetivo torna-se importante para a compreensão de como ocorre o relacionamento entre a família que possui crianças e adolescentes em desenvolvimento e a escola. É um tema fundamental no âmbito educacional, uma vez que sem um bom relacionamento das partes citadas, não há desenvolvimento completo e significativo tanto para o aluno quanto para o professor, visto que existem casos de desafeto entre as partes durante o período escolar. Desta forma, damos destaque à psicologia de Wallon que dá destaque aos conflitos e crises existentes no processo de desenvolvimento da criança, dedicando sua análise às características vindas a partir do terceiro ano de vida, que mostram realmente como enfrentam os conflitos (GALVÃO, 2000).

Sendo assim, os professores devem apresentar meios que gerem respeito entre ambos, expressando o papel de cada um dentro do ambiente escolar, conforme é apresentado na teoria walloniana, “atuando no plano das condutas voluntárias e racionais, o professor tem mais condições de enxergar as situações com mais objetividade, e então agir de forma mais adequada” (GALVÃO, 2000, p. 105).

A partir desses pressupostos a questão que pretendemos investigar é a seguinte: de que forma a abordagem walloniana concebe o desenvolvimento infanto-juvenil? Para responder à questão, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico. Esta opção foi escolhida porque possui ampla pesquisa na área, de fácil acesso, possibilitando uma vasta apresentação do conteúdo.

O estudo integrado do desenvolvimento envolve o estudo da afetividade, da motricidade e da inteligência. Portanto, para cada idade há um tipo particular de interação entre o sujeito e seu ambiente. Conforme as disponibilidades da idade, a criança interage com os aspectos de seu contexto, retirando dele os recursos para o seu desenvolvimento (GALVÃO, 2000).

A psicogenética walloniana contrapõe-se às concepções que veem no desenvolvimento uma linearidade e o encaram como simples adição de sistemas progressivamente mais complexos, que resultariam da reorganização dos elementos presentes desde o início.

Em sua perspectiva, Wallon afirma que o desenvolvimento infantil é um processo pontuado por conflitos, vendo o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva, em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva (GALVÃO, 2000).

Há momentos predominantemente afetivos, ou seja, subjetivos e de acúmulo de energia, que sucedem outros que são predominantemente cognitivos, isto é, objetivos e de dispêndio de energia.

Galvão (2000) nos afirma que para Wallon, os sentimentos são expressos por meio da emoção, iniciados nos primeiros anos de vida e vão ficando mais aguçados com o passar dos anos. No primeiro ano de vida, as crianças usam de suas emoções para se comunicarem com os adultos, e suas emoções variam quando satisfatórias ou não. Com isso, pode-se dizer que por intermédio dessas emoções temos a comunicação e a relação afetiva entre o bebê e o adulto que, em um futuro próximo, receberão modificações nas emoções.

Se a criança sofre abusos psicológicos durante sua infância na família, poderá passar por situações que prejudicam o seu desenvolvimento afetivo e, principalmente, seu psicológico, ficando, em muitos casos, incapaz de solucionar problemas futuros (SOIFER, 1983). É dentro dessas situações críticas familiares que estabelecemos o desenvolvimento deste estudo, buscando, assim, encontrar possíveis caminhos para um melhor desenvolver da criança.

Para alcançar os objetivos, o artigo foi subdividido em três partes. Na primeira, apresentamos o desenvolvimento infantil segundo a abordagem walloniana. Na segunda, abordamos sobre a dinâmica familiar e desenvolvimento infantil. E por fim, na terceira, discutiremos as formas de abuso psicológico na infância e adolescência.

## **1 O desenvolvimento infanto-juvenil segundo a abordagem walloniana**

O termo afetividade possui várias relações com o nosso amplo vocabulário, os quais geram confusão ao seu real conceito. Seus estados fundamentais são os sentimentos, emoções, inclinações e paixões. Para tanto,

[...] a afetividade exerce um papel fundamental nas correlações psicossomáticas básicas, além de influenciar decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente



essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana (KRUEGER, s/d, p. 4).

Para que se compreenda o indivíduo, precisamos conhecer sua biografia. Conhecemos o adulto pelo que foi quando criança, e para compreender a função, temos que conhecer sua gênese. Contudo, o psiquismo humano tem natureza contraditória, que passa por fenômenos conflitantes, e na psicogênese walloniana, não possui modelos de caráter universal, nela “o desenvolvimento da criança não se dá por simples soma dos progressos que prosseguiram sempre no mesmo sentido. Apresenta oscilações através de certos mecanismos: manifestações antecipadas, retornos, retrocessos... Não há, no entanto, senão oscilações à revelia” (WALLON, s/d *apud* CERISARA, s/d, p. 6).

A partir do que Wallon expõe sobre o desenvolvimento infantil, Galvão (2000) afirma que, apesar de estarem entrelaçadas, afetividade e emoção são diferentes. Isso é apresentado no estudo quando o autor escreve que a emoção está ligada ao desenvolvimento do tônus que age no equilíbrio entre ação e movimento. Contudo, Cerisara (s/d, p. 7) aponta,

A presença de conflitos, crises, contradições na trajetória humana são, segundo Wallon, os pontos fecundos para o trabalho e a compreensão da pessoa humana, daí seu interesse pelos pares: emoção-razão; automatismo-reflexo; movimento cortical-movimento sub-cortical; inteligência natural-inteligência artificial; biológico-social; sujeito-objeto, entre tantos outros.

Ao estudar o desenvolvimento da criança, observa-se que a cada idade é estabelecido um tipo particular em suas interações com o ambiente, os quais são percebidos por seus recursos e seu meio, que são a instalação de uma dinâmica de determinações recíprocas. “Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios de cada cultura formam o contexto do desenvolvimento” (GALVÃO, 2000, p.39). Esta determinação recíproca que se encontra nas condutas da criança representa o caráter de relatividade ao seu desenvolvimento.

Os estágios de desenvolvimento têm uma sequência fixa, a qual é dada pelos fatores orgânicos, o que não a torna homogênea perante sua duração, pelo fato de dependerem das características individuais e das condições de existência do indivíduo. Para tanto, cada etapa gera grande mudança nos modos de agir da etapa anterior, ao mesmo tempo que algumas condutas do estágio anterior, permanecem as mesmas nas seguintes, o que Galvão (2000) define tal como encavalamentos e sobreposições. Nesta sequência a cultura e a linguagem vão fornecer ao pensamento instrumentos que ajudam em sua evolução, que não ocorre somente

pelo amadurecimento do sistema nervoso. É preciso interação com o meio cultural, ou seja, a linguagem e o conhecimento. “Assim, não é possível definir um limite terminal para o desenvolvimento da inteligência, nem tampouco da pessoa, pois dependem das condições oferecidas pelo meio e do grau de apropriação que o sujeito fizer delas” (GALVÃO, 2000, p.41).

A psicogenética walloniana contrapõe-se às concepções que vêem no desenvolvimento uma linearidade, e o encaram como simples adição de sistemas progressivamente mais complexos que resultariam da reorganização de elementos presentes desde o início. Para Wallon (*apud* GALVÃO, 2000), a passagem de um a outro estágio não é uma simples ampliação, mas uma reformulação. Com frequência, instala-se, nos momentos de passagem, uma crise que pode afetar visivelmente a conduta da criança.

Na perspectiva walloniana, o desenvolvimento infantil é marcado por vários conflitos ditos de origem exógena e de natureza endógena. Os de origem exógena são dados pelos desencontros das ações da criança e o ambiente exterior, que são estruturados pelos adultos e pela cultura. Os de natureza endógena são gerados pela maturação nervosa e os efeitos que ela causa. Para tanto, esses conflitos são coerentes com seu referencial epistemológico, em uma contradição constitutiva do sujeito e do objeto, em que

[...] Wallon vê os conflitos como propulsores do desenvolvimento, isto é, como fatores *dinamogênicos*. Esta concepção quanto ao significado dos conflitos repercute na atitude de Wallon diante do estudo do desenvolvimento infantil, fazendo-o dirigir aos momentos de crise maior atenção (GALVÃO, 2000, p. 42).

O autor nos apresenta que o emocional é algo visível corporalmente e é transitório. A questão afetiva é algo permanente, com carga atrativa e repulsiva entre amor e ódio. Ele trabalha com a emoção, situando-a como um estágio em que participa o orgânico e o cognitivo, que está ligado ao corpo, com relações de medo, timidez, tristeza, para que depois trabalhe o afetivo (CERISARA, s/d).

Wallon ressalta que durante o desenvolvimento da criança, há uma construção progressiva que passa por várias fases que, predominantemente, estão ligadas à afetividade. Elas estão divididas entre os seguintes estágios de desenvolvimento durante a infância: o estágio impulsivo-emocional, sensório-motor, do personalismo, e o categorial. Na adolescência surgem novas definições de sua personalidade, que resultam das transformações hormonais, trazendo preocupações com relações pessoais, morais e existenciais, que tornam a afetividade mais aguçada novamente (GALVÃO, 2000).

O primeiro estágio é o impulsivo-emocional que se dá no primeiro ano de vida. O auge dele é composto pela emoção que é o meio de interação da criança com o ambiente, com predominância da afetividade, que orienta as reações primárias do bebê para com as pessoas que vão intermediá-lo com o mundo físico, “a exuberância de suas manifestações afetivas é diretamente proporcional a sua inaptidão para agir diretamente sobre a realidade exterior” (GALVÃO, 2000, p. 43).

O segundo estágio, o sensório-motor e projetivo, ocorre até o terceiro ano de vida, no qual a criança tem seu interesse voltado ao mundo físico, explorando-o de maneira sensório-motora, possibilitando a autonomia diante de objetos e na exploração do espaço. Nesse estágio desenvolve-se a função simbólica e a da linguagem. Tendo o nome projetivo, pelo fato de caracterizar o funcionamento mental deste período, em que o pensamento é auxiliado dos gestos para se exteriorizar em que o ato mental projeta-se no motor. “Ao contrário do estágio anterior, neste predominam as relações cognitivas com o meio (inteligência prática e simbólica)” (GALVÃO, 2000, p. 44).

O estágio do personalismo ocorre na faixa dos três aos seis anos de idade, tem por objetivo central a formação da personalidade, construção da consciência de si, que vem por meio das interações sociais, o que aumenta o interesse da criança pelas pessoas, retornando o predomínio das relações afetivas (GALVÃO, 2000).

Para finalizar os estágios da infância, temos o estágio categorial iniciado aos seis anos de idade, em que “[...] graças à consolidação da função simbólica e à diferenciação da personalidade realizadas no estágio anterior, traz importantes avanços no plano da inteligência”. Em que os progressos intelectuais guiam os interesses da criança com as coisas, para resultar em seu conhecimento e conquista do mundo a fora, relacionando com o meio, atitudes de preponderância do aspecto cognitivo (GALVÃO, 2000, p. 44).

Na infância a emoção é a forma através da qual a criança mobiliza o outro para entendê-la em seus desejos e necessidades, tem portanto um valor plástico e demonstrativo significando a realização mental das funções posturais e tirando delas impressões para a consciência (CERISARA, s/d, p. 9).

Chegamos ao estágio da adolescência, em que ocorre a crise da puberdade, rompendo o que chamavam de tranquilidade afetiva, que era característica fundamental do estágio categorial, surgindo a necessidade de novas definições de sua personalidade, que são abaladas pelas modificações do corpo vindas da ação hormonal. “Este processo traz à tona questões

peçoais, morais e existenciais, numa retomada da predominância da afetividade” (GALVÃO, 2000, p. 45).

Como vimos, há momentos predominantemente afetivos, isto é, subjetivos e de acúmulo de energia, sucedem outros que são predominantemente cognitivos. É o que Wallon chama de *predominância funcional*. O predomínio do caráter intelectual corresponde às etapas em que a ênfase está na elaboração do real e no conhecimento do mundo físico. A dominância do caráter afetivo e, conseqüentemente, das relações com o mundo humano, correspondem às etapas que se prestam à construção do eu (GALVÃO, 2000, p. 45).

Estas fases ligadas à construção do sujeito são apresentadas em uma sucessão bifásica de abertura, que é a elaboração do real, e a de fechamento, a construção do Eu (CERISARA, s/d), exposto por Wallon da seguinte maneira:

[...] as diferentes idades em que se pode decompor a evolução psíquica da criança, opõem-se como fases à orientação alternativamente centrípeta e centrífuga orientada pela edificação cada vez maior do próprio indivíduo ou para o estabelecimento das suas relações com o exterior, para a assimilação ou para diferenciação funcional e adaptação subjetiva (WALLON, s/d *apud* CERISARA, s/d, p. 12).

Em sua teoria, Wallon concebe a afetividade como o principal sentimento mediador do ser humano, ela é essencial para sua sobrevivência. A psicogenética de Wallon ressalta que a dimensão afetiva é o núcleo tanto na construção da pessoa quanto de seu conhecimento, afirmando que a emoção tem o papel de mediar ambas. “O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações que objetivam não só à satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades” (KRUEGER, s/d, p. 5). Com o objetivo de ampliar os horizontes da criança, as interações emocionais levam-nas a conhecer e inserir-se no âmbito social.

Krueger (s/d) afirma que a afetividade na perspectiva walloniana ocupa um lugar central, visto pela construção do conhecimento ou da pessoa, e para que esta construção ocorra, temos a emoção como mediadora de tal, em que o desenvolvimento afetivo infantil se dá por meio das interações, que tem como papel fundamental satisfazer necessidades básicas e também construir novas relações sociais, em que a emoção tem predomínio nas demais atividades. No entanto, as interações emocionais possuem a finalidade de ampliar os horizontes da criança, em que ela passa a inserir-se no contexto social.

Desta forma, a autora destaca,

[...] os estudos realizados por Henry Wallon, o qual não separou o aspecto cognitivo do afetivo. Seus trabalhos dedicam um grande espaço às emoções como formação intermediária entre o corpo, sua fisiologia, seus reflexos e as condutas psíquicas de adaptação. A atuação está estritamente ligada ao movimento, e as posturas são as primeiras figuras de expressão e comunicação que servirão de base ao pensamento concebido, antes de tudo, como uma das formas de ação. Segundo Wallon, o movimento é a base do pensamento. É a primeira forma de integração com o exterior (KRUEGER, s/d, p.3).

Sendo assim, o desenvolvimento saudável de uma criança, é dado pelo estabelecimento de relações interpessoais positivas, ou seja, com apoio e aceitação, não condizer com tudo o que a criança faz, mas com a necessidade de advertências, em que tais representam equilíbrio dos pais, o que demonstra uma importante manifestação de afeto. Para tanto, no próximo tópico, exemplificamos as diversas dinâmicas que as famílias apresentam em seu dia a dia que podem prejudicar ou não o desenvolvimento das crianças.

## **2 Dinâmica familiar e desenvolvimento infanto-juvenil**

Ao tratar da dinâmica familiar e o desenvolvimento infantil, temos aqui nossa primeira indagação: qual o conceito de família na contemporaneidade? Esta, não possui um único conceito, nem mesmo uma única expressão aceitável, uma vez que ao longo dos tempos ela foi assumindo estruturas e modalidades diferenciadas, de forma que se torna difícil defini-la ou mesmo encontrar elementos comuns às várias formas com que o agrupamento humano se apresenta. “Dizer-se que a família é a unidade básica da interação social talvez seja a forma mais genérica e sintética de enunciá-la; mas obviamente não basta para situá-la como agrupamento humano no contexto histórico-evolutivo do processo civilizatório” (OSORIO, 2002, p. 14).

É possível observar que a estrutura da família é variável conforme o momento histórico vivenciado, diante dos fatores sociopolíticos, econômicos e religiosos de sua cultura. Assim, de acordo com Osorio (2002, p.15), pode-se afirmar que

[...] família é uma unidade grupal na qual se desenvolvem três tipos de relações pessoais – aliança (casal), filiação (pais/filhos) e consaguinidade (irmãos) – e que, a partir dos objetivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhe condições para a aquisição de suas identidades pessoais, desenvolveu através dos tempos funções

diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais.

Embora a família tenha papéis diferenciados para seus membros, nem sempre esse papel corresponde ao designado pela posição que ocupa na família, como exemplo temos que eventualmente uma avó ou até mesmo o pai, poderá desempenhar o papel de uma mãe. Este indivíduo pode ainda desempenhar papéis diferenciados em tempos alternados (OSORIO, 2002). As dinâmicas vivenciadas pelas famílias podem ou não ajudar no desenvolvimento da criança e do adolescente, assim, Soifer (1983, p.26) afirma que,

[...] tendo em conta que a criatura humana, ao nascer, carece totalmente das noções que a habilitem a seu desempenho vital, e que deve aprender tudo começando pelo ato de respirar, até os de comer, dormir e os complicados conhecimentos necessários atualmente para uma adequada integração profissional e sentimental, e tendo em conta que o prazo mínimo para se conseguirem tais aprendizados é de uns 25 anos, claramente se compreende que as funções familiares constituem uma complexidade de situações, cujo estudo deve ser feito minuciosamente e pormenorizadamente.

Com isso, temos funções ministradas aos progenitores e filhos. Os progenitores possuem a função de educar, dar exemplo, ser “espelho” do que é correto, e ambos devem condizer com o que falam, afinal a criança pode testá-los até que realmente compreendam o que é o sim e o não, tidos como iguais até o início de sua compreensão da linguagem.

Noutras palavras, a função de ensinar uma criança deve ser compartilhada por dois ou mais adultos, uma vez que a intensidade da fantasia auto-agressiva exige um determinado acúmulo de autoridade até que a noção ministrada seja internalizada (SOIFER, 1983, p. 27-28).

Para tanto, é importante que os progenitores cuidem de suas atitudes diante das crianças, principalmente em atos que elas não sejam capazes de realizá-los sozinhas. Desta forma, ela vai incorporar gradativamente as diversas aptidões para se identificar com os pais (SOIFER, 1983).

Adquirindo os conhecimentos das funções da família, já apresentadas, a criança obtém maturidade e desenvolve a simbiose. Ela obedece pelo instinto da vida, para que aprenda e internalize os conhecimentos. Sendo assim, a função dos filhos é a de aprender, contendo seus impulsos, com a convivência e tendo gosto pelo amor, ou seja, amando.

A relação entre pais e filhos ocorre a partir dos ensinamentos e repreensões dos pais com os filhos, conforme o que já viveram. Em alguns casos podem até modificar sua conduta,

o que geralmente não acontece, pois o modo como os pais agem ou falam com seus filhos são acompanhados de conteúdos emocionais desenvolvidos quando eram criança, com sua cultura, crenças, costumes, o que vão afetar todo o processo, levando as crianças a seguir e agir da mesma forma.

É comum ouvirmos que as famílias estão passando por dificuldades em seu dia a dia, o que chamamos de crise. Crise do tipo econômica, moral, religiosa, política, no casamento, da família em si, entre outros, ou seja, crise já não é mais um fato momentâneo, e sim, algo permanente presente no cotidiano familiar. Algo sem equilíbrio, o qual não chega a se restabelecer perante a situação anterior (OSORIO; VALLE, 2002).

Para Soifer (1983) existem muitos acontecimentos dolorosos nas famílias que podem gerar situações críticas na vida das crianças e adolescentes. Em muitos casos, podem ser fatos preexistentes ou algo atual. Os casos que levam a essa situação são a morte de algum ente próximo, acidentes graves ou enfermidades em casa, e mudanças drásticas.

A criança quando bebê sente o que é exposta sentimentalmente por seus familiares, mas não compreende o que é. A partir dos quatro anos, a criança passa a entender um pouco melhor o que é transmitido. Assistem à televisão, programas de violência e outros que mostram a morte. Nas famílias quando isso acontece geralmente algumas atitudes podem gerar a culpa na criança, o modo de falar e lidar com a situação são fundamentais para gerar doenças na criança e/ou adolescente (SOIFER, 1983).

Na obra “Psicodinamismos da família com crianças: terapia familiar com técnica de jogo”, Soifer (1983) descreve os casos que levam as crianças e adolescentes a desenvolverem problemas relacionados com os acontecimentos familiares. Caso ocorra o falecimento do pai, os filhos perdem o que chamam de “chefe” da casa. O filho homem sofre na questão de perder seu “espelho” de casa, ou seja, quem vai guiá-lo, dar exemplos. Cria-se então a fantasia de que será o novo homem da casa, mas ao mesmo tempo, se retrai, pois não tem capacidade para tal tarefa. A filha já sofre por não ter o sexo oposto para impor tarefas, sente que somente com a mãe, não há a segurança que havia antes. Tal fato gera casos de rebeldia e hostilidade nos filhos. Com o falecimento da mãe, a menina perde a figura a qual tinha como exemplo de figura feminina. O falecimento de ambos deixa os filhos sem rumo, sendo necessário que os tios, avós, ou alguém da família que aceite e assuma as crianças. Em casos extremos ficam abandonados, em internatos ou sozinhos. Ficam sem base familiar, sendo necessária nesses casos, uma terapia familiar conjunta para solucionar os possíveis problemas (SOIFER, 1983).

Se o falecimento ocorrido é de um irmão, todos da casa se retraem, filhos desconfiam da proteção que os pais possam dar, culpando-os pelo ocorrido. Os pais que superprotegem o

filho que veio a falecer sentem-se culpados pelo ocorrido. A dor se torna maior à criança, pois ela tem sempre em mente de que somente os velhos morrem. Se o acontecimento está ligado a um dos avós, tios ou primos, a dor também é muito grande, mesmo que a criança já estivesse esperando pela morte por serem mais velhos. Era um ente que o protegia, dava carinho, atenção, substituindo as possíveis faltas presentes em casa. Existem duas situações quando um tio se vai. Ele não sendo muito próximo da família não há muita preocupação, é claro que o sofrimento ocorre, mas a recuperação é mais rápida, caso a ligação seja muito próxima, o sentimento é maior, pois a relação deles com os pais é bem parecida, por isso passam a imaginar que os pais possam morrer também. Dos primos, o sentimento é muito parecido com o falecimento de um irmão (SOIFER, 1983).

Dentre os casos que levam à procura de terapia familiar, temos as enfermidades ocorridas na família. Soifer (1983) apresenta os casos de cirurgia dos filhos, enfermidades prolongadas ou até mesmo invalidantes ocorridas por acidentes e enfermidade incurável. Tais aspectos levam a uma necessidade de terapia familiar, para que os filhos desta família fiquem adaptados à situação problema do momento.

Soifer (1983) nos apresenta estudos que comprovam que muitas mudanças de moradia causam dificuldades no desenvolvimento da criança. As mudanças de endereço podem ocasionar problemas como o desenvolvimento de psicoses dentre outros transtornos. O que é relatado quando diz que uma criança desde os 2 meses de idade demonstra alegria ao retornar ao lar estando tempos distantes. Ao mudar, ela não reconhece o ambiente anterior, há o distanciamento da vizinhança, e em muitos casos a mudança de colégio, que como de costume gera grandes conflitos.

Se esta mudança é uma migração no país e/ou exterior, se são levadas do campo/cidade ou cidade/campo ou até mesmo para outro estado, tem sempre conflito. A mudança para o exterior é a mais agravante sem dúvidas, principalmente quando no país não falam sua língua habitual, diferentemente se fosse um país de sua língua materna.

Outro caso importante destacado pela autora é o fracasso econômico, ou o desemprego, dos pais. A criança é incapaz de ajudar nessas situações, principalmente com relação à sua idade, pois quanto menor for menos poderá fazer, sentindo a distância emocional e as mudanças no humor dos pais.

Nos casos de prisão do pai ou mãe, o conflito é maior, uma vez que há a representação de maldade, vergonha e medo se impõem com a realidade. Tais sentimentos precisam ser trabalhados pela família e em muitos casos é necessária a ajuda psicológica.

Os casos recentes que afetam a família são expostos por Osorio e Valle (2002), de



modo a transpor as mudanças ocorridas durante o século nas mesmas, estes não afetam a família em geral, mas parte significativa, em que as crises presentes nela, agravaram-se com o passar dos anos, diante das circunstâncias em que as famílias vivem hoje em dia.

Entre as *consequências advindas* e que afetam a família de hoje em razão do impacto dessas mudanças estão: a maior incidência das separações conjugais e as correspondentes reconstruções familiares, a crise na autoridade dos pais, a instabilidade profissional e a insegurança financeira dos responsáveis pela manutenção do lar, a sobrecarga com o atendimento a progenitores senis, os fracassos escolares dos filhos, a falta de perspectiva no mercado de trabalho para os jovens, a alienação pelas drogas e o aumento da violência urbana (OSORIO; VALLE, 2002, p. 19).

Portanto, as famílias encontram-se mais em crise hoje em dia, perante as transformações ocorridas em sua configuração, na evolução humana dos hábitos e costumes presentes nos meios de comunicação, o que traz a necessidade de igualar as famílias diante do grande número de transformações globais, o que torna um paradigma à sociedade para melhorar seu futuro.

Por *configurações familiares* entendemos o modo como se dispõem e se inter-relacionam os elementos de uma mesma família. Tais configurações se mostram particularmente complexas e com facetas inéditas nas famílias *reconstituídas* ou *reconstruídas*, ou seja, aquelas famílias que são provenientes da união de cônjuges com relacionamentos anteriores, com ou sem filhos. Essas famílias constituem o protótipo transicional entre a família nuclear burguesa ocidental do século XX e a família adventícia neste século em que acabamos de ingressar, a um mesmo tempo polivalente e universal, incorporando, pelo irreversível processo de globalização, valores e características socioculturais de todas as latitudes (OSORIO; VALLE, 2002, p. 19-20).

Essas transformações causam, sem dúvida, uma grande necessidade de reorganizações na dinâmica familiar, exigindo, em alguns casos, uma terapia familiar (OSORIO, 2002). Portanto, é preciso que as famílias fiquem atentas às possíveis dificuldades que seus filhos apresentam em seu desenvolvimento, cuidando também de suas atitudes perto da criança, as quais vão influenciar em todo esse processo como é apresentado no próximo tópico.

### **3 Formas de Abuso Psicológico na Infância e Adolescência**

O abuso psicológico é um comportamento exercido pelos adultos que afetam no

desenvolvimento da capacidade pessoal da criança (GARBINO et alii, 1986, *apud* MARQUES, 2000), provocando dificuldades ou mesmo impedem que a criança desenvolva suas emoções básicas, ou seja, a segurança psicológica e autoestima, resultando em problemas no desenvolvimento do comportamento ou mesmo na personalidade da mesma.

Não basta ter “titularidade” biológica sobre uma criança. Para ser pai a pessoa precisa estar em conformidade com padrões sociais de comportamento aceitáveis em relação à criança, um padrão de cuidados mínimos que permita crescer física, social, psicológica, intelectual e espiritualmente (MARQUES, 2000, p. 208).

O Centro Nacional para o Cuidado do Abuso e Negligencia à Criança, define abuso psicológico como:

[...] atos ou omissões dos pais ou outros responsáveis pelo cuidado da criança, que tenham causado ou possam causar sérias desordens cognitivas, mentais, emocionais e de comportamento. Em alguns casos de abuso psicológico/emocional, apenas as atitudes dos pais, sem que haja danos evidentes no comportamento ou condição da criança, são suficientes para garantir a intervenção do órgão de Proteção à Criança; como por exemplo, o uso, por parte dos pais ou responsáveis, de punições extremas ou estranhas, tais como tortura ou confinamento de uma criança a um quarto escuro. Para atos menos severos, como o de tratar a criança como o “bode expiatório”, culpado habitual de sempre, a depreciação, o tratamento de rejeição, ou ferimentos aparentes na criança também requerem a intervenção do órgão de Proteção à Criança (DE PANAFILIS; SALUS *apud* MARQUES, 2000, p. 205-206).

Alguns pais controladores e restritivos possuem atitudes do tipo de não proporcionar oportunidades aos filhos em participar de decisões da família ou de seu próprio bem estar, estão preocupados com a obediência dos filhos para com eles e suas normas impostas, deixando-os com pouca liberdade fora de casa a não ser que estejam na companhia dos pais, criando expectativas rígidas diante do comportamento da criança (MARQUES, 2000).

Apresentamos uma listagem das possíveis categorias de abuso psicológico, que são apresentadas por Marques (2000): 1- Tratamento desdenhoso ou com desprezo; 2- Tratamento terrorista ou com terrorismo; 3- Isolamento; 4- Exploração e/ou corrupção; 5- Negar a reciprocidade emocional; 6- Inconsistência paterna; 7- Rejeição; 8- Expectativas irreais ou extremadas exigências sobre o rendimento escolar, intelectual e esportivo; 9- Socialização errada; 10- Mimar a criança, ou seja, superproteção.

Muitos estudos sobre pais que maltratam os filhos (pais abusivos) têm sido

realizados ao longo dos últimos 15 anos [1999] na tentativa de desenvolver um exemplo/modelo de abuso infantil capaz de prognosticar o nível de risco em determinada família. Os estudos mostram que experiências negativas na infância, fatores de personalidade e o estresse da vida atual têm impacto no prognóstico do abuso infantil (BELSKY, 1980; CICCHETTI E RIZLEY, 1981; KAUFMAN E ZIGLER, 1989 *apud* MARQUES, 2000, p. 211).

Grande parte das atitudes dos pais perante as crianças pode ser reflexo do que eles passaram durante sua própria infância. Filhos que sofrem abusos correm o risco de se tornarem pais que abusam ou maltratam os filhos. Quando os pais passaram por isso e não tiveram suas necessidades emocionais supridas no período infantil, provavelmente se tornarão adultos que sofrem carência emocional. Assim, pensam que seus filhos deverão suprir essa carência, em que na verdade, os filhos não estarão aptos para satisfazer tal necessidade, o que leva aos pais agirem com raiva e maltratando as crianças. Os pais que passam por estresse socioeconômico também ficam desamparados para lidar com os fatos da vida, o que pode causar risco de abusar de seus filhos (MARQUES, 2000).

Elder *et alii* (1986) descobriram que pais emocionalmente instáveis são controladores, hostis, apresentam baixa afetividade e também experimentam tensão no casamento. Esta resulta em disciplina extrema e arbitraria para com os filhos, o que, por sua vez, cria crianças emocionalmente instáveis. Pais irritadiços também demonstram tratar seus filhos arbitrariamente e, não de acordo com o comportamento da criança, o que aumentava as chances de a criança, no futuro, se envolver com compromissos anti-sociais (*apud* MARQUES, 2000, p. 212).

Outros casos que podem levar os pais se tornarem abusivos ou agressivos são os pais que possuem influência de vícios como álcool ou drogas, pais portadores de deficiência mental ou retardamento, e a imaturidade paterna. “Por último, pais com expectativas impróprias e percepção distorcida aumentam o risco de abuso à criança. Crianças vítimas de abuso são freqüentemente interpretadas de forma negativa por seus pais” (MARQUES, 2000, p. 213).

Conforme o estudo observou-se que a única situação que gera o abuso psicológico, está na rejeição generalizada dos pais, comportamento que está dentro da organização dos tipos de abuso. “Isto é, o abuso e a negligência são, muitas vezes, formas especializadas de rejeição, porém, a noção de criança vítima de abuso e negligência não se encerra na definição de rejeição” (ROHNER, 1986 *apud* MARQUES, 2000, p. 215). No entanto, as crianças rejeitadas que guardam para si suas raiva e ansiedade, podem ficar depressivas, desenvolver hábitos nervosos, tornarem-se submissas, autodestrutivas, tímidas, suicidas.

A criança rejeitada irá lutar por uma resposta/relação positiva de seus pais. Tais tentativas de interação com os pais podem ser percebidas na criança que se apresenta extremamente dependente, apegada e intensamente possessiva. Algumas vezes essas tentativas são interpretadas erroneamente, como sendo um envolvimento amoroso genuíno entre pais e filhos. Com o passar do tempo, se seu pedido por amor e atenção é constantemente rejeitado, a criança iniciará um processo de “rejeição contrária/reversa/simultânea”, e finalmente rejeitará os pais. Essas crianças, futuros adultos, não serão capazes de receber ou dar afeição e amor genuíno (ROHNER, 1986 *apud* MARQUES, 2000, p. 216).

Os adolescentes que passaram por tal situação na infância, apresentam praticamente os mesmos sintomas da criança, “apesar de tais sintomas estarem mais frequentemente associados com atos anti-sociais que ocorrem fora do contexto familiar” (p. 216). O adolescente que está mais livre e flexível possui comportamentos do tipo, abandono dos estudos, fuga, se torna delinquente, usa drogas, entre outros do gênero. Podem ficar depressivos, suicidas, aumento nas reclamações e desenvolver distúrbios alimentares, enxergando as pessoas como não confiáveis em um mundo hostil, isolando-se socialmente ou entrando em grupos de adolescentes anti-sociais. “Na adolescência, este processo de rejeição reversa irá expressar-se sob a forma de anulação ou agressão aos pais” (MARQUES, 2000 p. 216).

Nas relações familiares (pais e filhos) existem fatores que causam efeitos na personalidade dos mesmos, para tanto, é preciso ter contatos afetivos, amorosos, apoio, aprovação, carinho e cuidado destes pais, que geram assim a autoconfiança, competência, independência, maturidade e responsabilidade nas crianças (CONTESSOTTO, 2011).

Vemos então que quando os pais cedem de maneira frequente aos pedidos de seus filhos, o fazem por ser algo fácil em seu ponto de vista, ou seja, é mais fácil ceder ao que a criança pede, do que se esforçar em discipliná-la de maneira correta (MARQUES, 2000).

Com as diferentes fases de desenvolvimento pelas quais passam as crianças, o tratamento dos pais para cada fase deverá ocorrer de diversas maneiras. Quando estão na fase da tenra infância, há a necessidade de aprender e compreender o que o bebê quer dizer respondendo rapidamente aos seus estímulos (AINSWORTH *et alii*, 1978; LAMB; EASTERBROOKS, 1980 *apud* MARQUES, 2000). Nesta fase precisam de atenção, afeto, carinho, estimulação, interagir e cuidar de modo a não restringir suas competências cognitivas e desenvolvimento social (CLARKE-STEWART, 1973; STAYTON *et alii*, 1971; YARROW *et alii*, 1975 *apud* MARQUES, 2000).

No estágio em que a criança aprende a andar tende a aumentar os níveis de afeição,

atenção e interação diante dos pais, surgindo a necessidade dos pais iniciarem um exercício de controle da criança, afinal ela está com capacidade e mobilidade em sua comunicação (MARQUES, 2000).

Ao entrar na idade escolar, a criança também necessita de afeto, atenção e ter pontos positivos de seus pais, pois a criança que apresenta tais características, ou seja, uma auto-estima positiva, que tem bom desenvolvimento, conquista-se intelectualmente, recebeu de seus pais oportunidades, o que mostra o bom desempenho dos pais que gastaram seu tempo explicando de maneira correta as coisas à criança (COOPERSMITH, 1967; HOFFMAN, 1970; MCCALL, 1974 *apud* MARQUES, 2000). Neste período, mostra-se que a exposição verbal agressiva a essa criança pode interferir no desenvolvimento de suas competências.

“Ameaças extremas e atos amedrontadores podem sobrecarregar as emoções de uma criança pequena, afetando, conseqüentemente, o despontar da regularização emocional nessa idade” (MCGEE; WOLFE, 1991 *apud* MARQUES, 2000, p. 214). A ameaça verbal em especial, vinda dos pais à criança, é ponto negativo no desenvolvimento do processo cognitivo.

Na sociedade de hoje, sofremos com a superproteção dos pais, por conta de várias situações, como Contessotto (2011, p. 23) nos afirma, “entretanto, na sociedade atual, permeada por inúmeras situações de insegurança e violência – acidentes, assaltos, oferta abundante e livre de álcool e drogas, riscos de sequestros - observa-se a predominância da superproteção.”

“Muitos pais pensam em termos de criança ideal: características físicas, talentos, habilidades intelectuais, moderação, comportamento e moral ideais... e para isto tentam várias estratégias para que seus filhos atinjam tal ideal” (MUSSENet alii, 1988 *apud* MARQUES, 2000, p. 2010). Mas na verdade, os pais têm a obrigação de zelar pela proteção dos filhos. E entre a preocupação aceitável e a excessiva, existe um limite, podendo fazer mais mal do que bem à criança e/ou adolescente. Esse respeito pelo limite torna-se necessário, pois ao “mimar a criança” é considerado um abuso psicológico, afinal ela desenvolverá no futuro, sentimentos de egoísmo, narcisismo e egocentrismo (CONTESSOTTO, 2011). Desta forma, Contessotto (2011) expõe o desenvolvimento da chamada “síndrome do reizinho” ou “síndrome da princesinha”, que é gerada pela superproteção dos pais, manifestando-se de forma indulgente ou dominante na criança, sendo apresentadas das seguintes formas:

A superproteção indulgente seria a aprovação de todos os atos da criança. Tudo o que ela faz, mesmo as ações reprovadas pelo professor ou pelos

adultos, é desculpado e mesmo admirado pelos pais, que aceitam e acham graça de tudo. A criança percebe, assim, que pode fazer o que quiser, pois está protegida.

A superproteção dominante consiste em dar assistência constante à criança, em todos os seus atos, ajudando-a em tudo, não deixando que faça nada sozinha [...] Mesmo quando é maior, não lhe é permitido tomar qualquer iniciativa: os pais tomam todas as decisões, escolhem suas atividades, seus companheiros, suas roupas. Os pais querem que o comportamento do seu filho seja perfeito, e, com isso, exercem controle excessivo sobre ele (BARROS, 2008, p. 56-57 *apud* CONTESSOTTO, 2011, p. 23-24).

Assim, essas superproteções tendem a causar efeitos no comportamento da criança, em que a superproteção indulgente leva a criança a ser irreverente, teimosa e hostil, e ao mesmo tempo, dotada de muita iniciativa e independente. No caso da superproteção dominante, ela se torna dependente e dócil, leal, polida, mas ao mesmo tempo, acanhada e sem iniciativa. Esses pais se tornam superprotetores por serem pessoas inseguras, ansiosas, que tem medo dos filhos deixarem de amá-los. Assim, temem fracassar na educação dos mesmos, e sendo julgados por seus parentes e amigos. Desconhecem ou ignoram as aptidões dos filhos, conseqüentemente tomando decisões por eles, incapacitando-os (BARROS, 2008 *apud* CONTESSOTTO, 2011, p. 24).

A inconsistência paterna se refere ao comportamento dos pais, que varia de acordo com o tempo e situações. Este comportamento é mais óbvio no caso da disciplina, quando os pais algumas vezes punem a criança por um determinado ato e outras vezes permitem que o ato se repita sem qualquer repercussão para ela. [...] A inconsistência dos pais pode ser melhor definida como o padrão das sequências de tempo e o balanço negativo ou positivo das atitudes deles, ou seja, o padrão das sequências temporais e a média das atitudes positivas e negativas dos pais, do que como uma nítida categoria de abuso psicológico (HART; BASSARD, 1991: 64 *apud* MARQUES, 2000, p. 207).

No Brasil, ocorre com frequência a superproteção dominante, exercida em sua maioria por pais de idade avançada, que apresentam comportamentos em comum entre eles, afinal se preocupam em retirar os obstáculos que os filhos encontrarão no caminho, com a intenção de deixar a vida deles mais fácil (CONTESSOTTO, 2011, p. 24).

Marques (2000) aponta o modo de se trabalhar a disciplina com a criança, em que esta afetará nas possíveis características presentes na mesma, ficando a disciplina dividida em três técnicas: 1) o uso do poder; 2) técnicas indutivas; 3) privação do amor. Geralmente, os pais optam por utilizar uma combinação das três técnicas, mas tudo vai depender da preferência que cada um tem. A primeira técnica está ligada basicamente a castigo físico, gritos, privação

de privilégios, ou mesmo a recompensa que se traz um bom comportamento. A segunda são as técnicas de raciocínio, uso da lógica, elogios, explicitações das consequências. E a terceira vem por meio de isolamentos temporários, expressão de desapontamento ou vergonha, ou mesmo ao ignorar a criança (MARQUES, 2000).

### **Considerações Finais**

No presente texto buscou-se investigar o papel da família e sua influência no desenvolvimento afetivo-social de crianças e adolescentes. Para tanto buscou-se compreender de que modo ocorre o desenvolvimento afetivo da criança e do adolescente diante das situações familiares críticas que contribuem para o surgimento de conflitos e desajustes emocionais que desenvolvem problemas psicológicos, que só serão “solucionados” mediante intervenção terapêutica.

Durante o processo de desenvolvimento infantil, pais e professores devem estar atentos a toda atuação da criança e do adolescente, para não contribuir com o aparecimento de problemas psicológicos neles. Tanto que em grande parte dos casos vistos nos estudos, nos revelam que a maioria dos problemas aparece diante de conflitos presentes em casa.

Portanto, para que as crianças não sofram com os abusos psicológicos, faz-se necessário que os pais, desde a infância até a adolescência, trabalhem com motivações, tenham comportamentos adequados à idade da criança, e que na adolescência, trabalhem com limites e controles relacionados com as regras (BELSKY; VONDRA *apud* MARQUES, 2000). Desta maneira, as chances de situações conflituosas permanecerem no âmbito familiar, diminuam.

Chegou-se à conclusão que tanto os pais quanto os professores precisam dar suporte emocional à criança nos casos em que ela apresenta dificuldades para elaborar algum tipo de situação. Em alguns casos, será necessária a ajuda profissional, uma vez que dependendo da gravidade da situação a família também necessitará de apoio psicológico.

### **Referências**

CERISARA, Ana Beatriz. **A Psicogenética de Wallon e a Educação Infantil**. Salvador, s/d. Disponível em: <[http://lms.ead1.com.br/upload/biblioteca/curso\\_4227/dyk0uwefap.pdf](http://lms.ead1.com.br/upload/biblioteca/curso_4227/dyk0uwefap.pdf)>. Acesso em: 20 fev.

2013.

CONTESSOTO, Juliana. **O Abuso Psicológico à luz da Abordagem Psicanalítica do Desenvolvimento Infantil: Algumas Reflexões.** Artigo (Curso de Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, 2011. Disponível em: <[http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2031/Juliana\\_Contessotto.pdf](http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2031/Juliana_Contessotto.pdf)>. Acesso em: 26 fev. 2013.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis: Vozes, 2000.

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A relevância da afetividade na educação infantil.** Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-04.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2013.

MARQUES, Maria Aparecida Barbosa. Abuso psicológico de crianças e adolescentes. *In*: SISTO, Firmino Fernandes e cols. (orgs.). **Leituras de psicologia para formação de professores.** Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000. p. 205-223.

OSORIO, Luiz Carlos. **Casais e Famílias: uma visão contemporânea.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

OSORIO, Luiz Carlos; VALLE, Maria Elizabeth do. **Terapia de Famílias: Novas Tendências.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SOIFER, Raquel. **Psicodinamismos da família com crianças: terapia familiar com técnica de jogo.** Petrópolis: Vozes, 1983.